

**ORGANIZANDO AS IDEIAS PARA A PRODUÇÃO TEXTUAL:
A TÉCNICA DA TEMPESTADE MENTAL
APLICADA À ARGUMENTAÇÃO**

Caio Mieiro Mendonça (UFRJ)

caio.mieiro@hotmail.com

Eliete F. Batista da Silveira (UFRJ)

elietesilveira@hotmail.com

RESUMO

A ausência de planejamento sistematizado do texto argumentativo escrito interfere diretamente na qualidade da sua organização, bem como na própria argumentação proposta. É necessária, portanto, a elaboração de didáticas de construção daquele tipo de texto que incluam o seu planejamento. Partindo da tempestade mental (*brainstorm*) como estratégia-base para o ensino da produção de textos argumentativos, propõe-se aqui apresentar uma metodologia didática focalizada naquela estratégia, bem como os seus resultados na escrita desse tipo de texto. Este trabalho é uma proposta incipiente, aplicada no curso de Redação dos Cursos de Línguas Abertas à Comunidade (CLAC UFRJ) subsidiada pelos pressupostos da Linguística do Texto e da Metacognição.

Palavras-chave

Argumentação. Ensino. Planejamento. Tempestade Mental.

1. Introdução

A partir das dificuldades de organização das ideias, diversas estratégias continuam a ser desenvolvidas para que se consiga elaborar proposições acerca de um determinado tema e também para melhor articular pensamentos. Uma delas é a tempestade mental, que é uma estratégia muito comentada em *sites* e páginas sobre produção textual, mas de que se sabe pouco a respeito tanto no que concerne à sua realização quanto no que se refere aos seus resultados. Portanto, pensando no ensino da elaboração de textos argumentativos, este trabalho se propõe a discutir a importância do planejamento textual e a aplicabilidade da tempestade mental para o desenvolvimento da argumentação.

Neste artigo, será apresentada toda a metodologia da tempestade mental utilizada em sala, bem como os seus resultados. Os objetivos deste trabalho são: i) dar início à elaboração de uma proposta didática para o planejamento do texto argumentativo; ii) demonstrar a efetividade do procedimento para a produção desse tipo de texto, e iii) fomentar a práti-

ca de atividades frequentes, ordenadas e conscientes de organização textual.

As contribuições deste trabalho relacionam-se à conscientização de alunos e professores sobre três tópicos, quais sejam: a) a importância do planejamento de qualquer texto, em especial o argumentativo; b) a necessidade de elaboração de metodologias de planejamento, e c) as implicações da prática do planejamento para a produção de textos coesos e coerentes.

As reflexões apresentadas aqui serão divididas de acordo com as principais temáticas do trabalho: o planejamento textual, o procedimento de realização da tempestade mental e os resultados de sua aplicação para a escrita argumentativa.

Quanto ao último ponto, o que se atestou até agora são manifestações de processos regulares de ordenação de ideias durante a tempestade mental. Esses resultados revelam a efetividade da metodologia para a produção do texto argumentativo, e os dados produzidos a partir dessas manifestações serão apresentados nas seções deste artigo. Serão também apresentados gráficos que ilustram as etapas de realização da estratégia e um modelo formulado a partir das análises do processo.

2. O Planejamento

Antes de começarmos a escrever, devemos sempre planejar o que se pretende expor no papel, não apenas para que sejam refinadas as ideias, mas também para que se aperfeiçoe a redação por meio da organização tópica do que será transcrito. Essa atividade, então, faz-se necessária para elaboração de qualquer texto, pois torna a escrita uma atividade consciente.

Planejar significa esboçar; traçar bases. Ao planejarmos um texto, elaboramos um roteiro que contenha os elementos necessários para a sua formulação: pensamos na nossa intenção ao escrever, no gênero em que se encaixará o texto, no tema sobre o qual trataremos e na maneira como nos colocaremos. Na produção dos textos argumentativos, o planejamento textual tem, para além de guiar a formulação de ideias, as funções de nortear o ato argumentativo e de pré-definir a estruturação desses textos.

A arte de planejar textos existe, pelo menos, desde a antiguidade clássica, tamanha era a importância da boa elaboração dos textos antigos.

Tal atividade tinha lugar privilegiado, por exemplo, na construção de discursos, pois, nos tratados mais antigos de retórica, estão presentes menções ao planejamento:

Primeiro, convém saber que o assunto sobre o qual se vai falar ou raciocinar [...] tem necessariamente de contar com argumentos pertinentes, senão todos, pelo menos alguns; porque, se não dispomos deles, não teremos nada donde retirar uma conclusão. [...]

Por conseguinte, [...] conclui-se, evidentemente, que [...] é indispensável, antes de tudo, ter selecionado sobre cada assunto um conjunto de propostas acerca do que é possível e mais oportuno. Quanto às questões que surgem de improviso, a investigação deve seguir o mesmo método, tendendo não aos argumentos indeterminados, mas aos que são inerentes ao discurso, englobando o maior número possível e que estejam mais próximos do assunto em causa. (ARISTÓTELES, 2005, p. 214-5)

Esse fragmento corresponde à primeira das quatro partes da retórica traçadas por Aristóteles, a saber, *invenção*, *disposição*, *elocução* e *ação*. Ele demonstra a necessidade de organização prévia da argumentação, traçando uma relação lógica entre a seleção do conteúdo e a realização de uma argumentação consistente. Todas as partes, entretanto, são fundamentais para a argumentação:

As quatro partes, na realidade, são as quatro “tarefas” (erga) que devem ser cumpridas pelo orador. Se este deixar de cumprir alguma delas, seu discurso será vazio, ou ordenado, ou mal escrito ou inaudível.

Portanto, um advogado que prepare uma defesa, um estudante que prepare uma exposição, um publicitário que prepare uma campanha, todos deverão, se não passarem sucessivamente por essas quatro fases, cumprir pelo menos as tarefas que cada uma delas representa: compreender o assunto e reunir todos os argumentos que possam servir (invenção); pô-los em ordem (disposição); redigir o discurso o melhor possível (elocução); finalmente, exercitar-se profere-o (ação). (REBOUL, 2004, p. 44)

Para que se esclareça a importância desses fragmentos, é preciso que seja explicado no que consiste a retórica. Em seu livro *Introdução à retórica*, Reoul (2004) demonstra de forma simples sua definição:

Uma delas [posições extremas], de Charles Perelman e L. Olbrechts-Tyteca, vê a retórica como arte de argumentar [...] A outra, de Morier, G. Genette, J Cohen e do “Grupo MU”, considera a retórica como estudo do estilo, e mais particularmente das figuras. Para os primeiros, a retórica visa convencer; para os últimos, constitui aquilo que torna literário um texto [...]

No entanto, é esse elemento comum que bem poderia ser o mais importante, ou seja, **a articulação dos argumentos e do estilo numa mesma função** (Grifo meu). Ao dizermos isso, referimo-nos à retórica clássica, que começa com Aristóteles e se prolonga até o século XIX. [...]

Eis, pois, a definição que propomos: **retórica é a arte de persuadir pelo discurso** (grifo meu). (REBOUL, 2004, p. XIII-XIV)

São articuladas, como demonstra o fragmento, tanto as informações (argumentos) quanto as estratégias de escrita (estilo). Sendo feito um bom planejamento, pode-se chegar à produção de textos satisfatórios com rapidez, permitindo, assim, a realização de uma argumentação concisa e bem estruturada.

Estando ligada tanto a contextos muito formais (como discursos jurídicos e religiosos) quanto a contextos menos formais (como produção de textos publicitários – cf. REBOUL, 2004, p. XIV), a construção retórica prospera através dos tempos, e, com isso, o ato de planejamento ocupa um lugar de destaque na construção de discursos persuasivos de diversos contextos.

Quando há falta de planejamento, entretanto, a qualidade da escrita é afetada:

A maioria dos alunos, quando lhes é apresentado um título para redação, começam a escrever sem saber o que vão dizer. Muitas vezes acabam escrevendo coisas que não queriam. Falta-lhes planejamento.

[...]

Se você não planejar, acabará fazendo coisas que não queria fazer. (CAMPOS, 1977, p. 7)

Com o avanço das ciências cognitivas, os processos referentes à escrita, em que se encontra o planejamento, foram caracterizados como esquemas que encontram-se alocados na memória de longo prazo¹: “As operações que os escritores realizam para coletar informações, planejar, produzir, avaliar e editar texto podem ser entendidas como esquemas de tarefas alocadas na MLP” (KELLOGG, 1994; HACKER; KEENER; KIRCHER, 2009 *apud* ALMEIDA, 2017, p. 69).

O ato do planejamento é, então, uma atividade metacognitiva, tendo em vista que parte de esquemas mentais e organiza informações disponíveis na memória em um plano de texto. Faz-se com isso necessário em todo o ato de produção, como demonstra o fragmento seguinte:

(...) o plano traçado para o texto precisa ser constantemente acionado para guiar a produção e a revisão. O escritor precisa também acessar os esquemas de tarefa, que dizem respeito aos conhecimentos procedimentais para realizar

¹⁰⁵ A memória de longo prazo (MLP) é onde uma vasta quantidade de estruturas estáveis de conhecimento (as experiências prévias, as crenças e os conhecimentos relacionados à escrita, como tópicos, audiências, planos de textos, estratégias etc.) fica armazenada por indeterminados períodos de tempo. (ALMEIDA, 2017, p. 68)

as inúmeras operações, compreendendo desde os processos de nível inferior, como as habilidades de transcrição, até os processos de nível superior, como os conhecimentos sobre como planejar e revisar textos ou como construir uma argumentação eficiente. (ALMEIDA, 2017, p. 69-70)

Tendo em vista a importância do planejamento, é necessário que se pense em como planejar. É nisso que a próxima unidade do texto se concentra.

3. *A Tempestade Mental*

A expressão “tempestade mental” é uma tradução da palavra inglesa *brainstorm* – em consonância com o termo utilizado por Campos (1977: 8), no livro *Redação para vestibular e supletivo: método de brainstorm* – que surge como um meio de se desenvolver a capacidade criativa. O conceito foi apresentado de maneira didática pela primeira vez em 1939 pelo publicitário norte-americano Alex Faickney Osborn (OSBORN, 1957: 80), e publicada por ele, em 1953, no livro *Applied Imagination: The Principles and Procedures of Creative Thinking*.

A tempestade mental consistia, em sua origem, em uma dinâmica de grupo em que se buscavam soluções audaciosas para problemas, ideias inovadoras, dentre outros objetivos, por meio de reuniões mediadas por um líder que tinha o papel de encorajar os participantes a expressarem-se. Com um grupo disposto a desenvolver ideias, podia-se começar uma sessão de *brainstorming*. Nela seriam pensadas e escritas, por cada um dos participantes, ideias para a solução de determinado problema, geralmente questões executivas. Para que se garantisse a liberdade criativa, regras eram estabelecidas durante a sessão:

Reuniões criativas são geralmente improdutivas a não ser que certas regras sejam compreendidas por todos os participantes e seguidas à risca. Aqui estão as quatro básicas:

Julgamentos de valor são descartados. Críticas a ideias devem ser guardadas para depois.

Espontaneidade é bem-vinda. Quanto mais audaciosa a ideia, melhor; é mais fácil julgar do que criar.

Quantidade é desejada. Quanto maior o número de ideias, maior a probabilidade de vencedores.

Combinação e aperfeiçoamento são procurados. Para a colaboração com ideias próprias, os participantes podem sugerir formas para as ideias de outros serem transformadas em ideias melhores; ou como duas ou mais ideias podem ser combinadas em uma nova ideia. (OSBORN, 1957, p. 83-4)

As quatro regras visavam a quebrar a não criatividade das reuniões executivas e, com isso, desenvolver e por em prática soluções inovadoras por meio da exploração da criatividade ao máximo, com o mínimo de interferência possível.

Com a disseminação das ideias de Osborn pelo mundo, o procedimento da tempestade mental foi aplicado para o desenvolvimento da criatividade na resolução de problemas de diversas áreas. Uma delas é o ensino de produção textual, que faz uso da tempestade mental há tempos. Ainda assim, há pouco material disponível sobre a realização desse procedimento que efetivamente discuta as etapas de realização da tempestade e seus efeitos, salvo pelo livro supra referido de Campos (1977).

4. Da seleção de conteúdo à estruturação

O momento da seleção de ideias é o mais importante de todo o processo de escrita, porque é nele que nós definimos todas as ideias que serão trabalhadas e direcionamos o texto. Fazer isso, entretanto, não é nada fácil, pois há tanto o que se falar sobre qualquer assunto que é difícil conseguir trabalhar bem as ideias sem trazer um excesso de informações ou ainda cair na repetição. É por causa da dificuldade que se apresenta que é preciso ter um procedimento bem definido de planejamento: “Parece tudo muito complicado e confuso, mas pode se tornar muito fácil se você fizer um exercício de **brainstorm**” (CAMPOS, 1977, p. 8).

É nesse momento que a tempestade mental atua, instrumentalizando o redator a vasculhar a memória atrás do tema trabalhado, e articulando ideias, a fim de criar grupos compostos por maiores e menores informações que melhor dialoguem. Essa atividade tenta remontar e esquematizar o que a nossa mente faz em frações de segundos a cada vez que algo dotado de significado ativa nela algum conhecimento arquivado. É um procedimento de organização consciente das informações arquivadas no inconsciente.

Mais do que uma atividade de prática com o texto, é uma ação metacognitiva cujo processo de realização permite o acesso aos construtos sociais da memória, que serão chamados aqui “conceitos”:

A memória do redator é um elemento fundamental nos modelos processuais da escrita. Ela possibilita a realização de uma série de processos responsáveis pela criação de representações mentais e pela transformação dessas representações em símbolos socialmente compartilhados. (ALMEIDA, 2017, p. 68)

Já quanto à estruturação dos conceitos articulados em texto, deve-se pensar no texto que será planejado, levando em conta, antes de qualquer coisa, o modo de organização do discurso que predominará nesse texto e, por isso, definirá a que gênero ele pertence.

No caso dos textos argumentativos, quando o procedimento é realizado, a “chuva” de ideias pode ser segmentada e organizada para se identificar i) uma ideia central, que será transformada em tese; ii) as informações relacionadas à ideia principal, que serão traduzidas em argumentos com finalidade de defender a tese, e iii) as ideias secundárias, que serão os elos entre a tese e os argumentos. Campos comenta a importância do procedimento para a seleção de informações: “Se você não faz o **brainstorm**, termina omitindo muitas ideias importantes. A menos que o assunto lhe seja tão familiar que você já tenha em mente um esquema decorado” (1977, p. 25).

a. O modelo

A realização do planejamento por meio da tempestade mental revelou que há processos regulares na organização de informações. Em se tratado de textos argumentativos, esses processos atuam em três estágios da organização textual: i) a seleção das informações, ii) a formulação das proposições e iii) a disposição dos elementos no texto. A tripartição desses processos guia a própria realização da estratégia, pois, tendo consciência deles, o redator não se perde na organização e garante um planejamento que perpassa os três níveis.

Tendo como base a identificação desses processos e pensando-se no modelo aristotélico de organização das partes da retórica, foi montado um modelo representado na figura a seguir:



Figura 1: fases de organização de ideias

primeiramente, por exemplo a sequência *cumplicidade, sinceridade, verdade, afeto* e *amizade*. Esgotados os sinônimos, a mediação faz-se necessária, pois um fenômeno recorrente na tempestade mental é a repetição. Com a mediação, relações menos óbvias conseguem ser traçadas, por exemplo a sequência *intensidade, abuso* e *assassinato*.

Depois de ter um grande número de resultados, esses itens precisam ser divididos em grupos cujos componentes compartilhem com algum traço de similaridade. É o momento da ordenação de ideias. Os grupos foram formados pelas relações: a) convencionais entre amor e vínculo afetivo (em vermelho); b) convencionais entre amor e desejo (em rosa); c) de oposição (em ocre), e d) menos convencionais (em roxo). Esse agrupamento é demonstrado na figura 3:

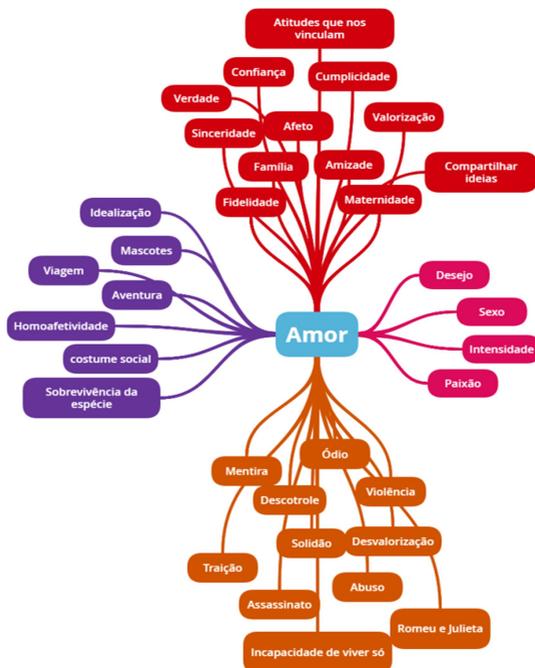


Figura 3: ordenação das ideias

Após a divisão, faz-se a separação desses conteúdos por relevância, separando-se, por exemplo, o que é informação nova e o que é repetição, e ainda o que não é interessante para a construção do texto.

Feitos os cortes, dispõem-se por grau de importância os itens finais. Este é um momento importante na organização do texto: a disposição hierárquica das informações. É nesse momento que se delimita o fluxo informacional do texto, o que é muito importante para que se possa articular as informações. É o momento da separação do conteúdo:

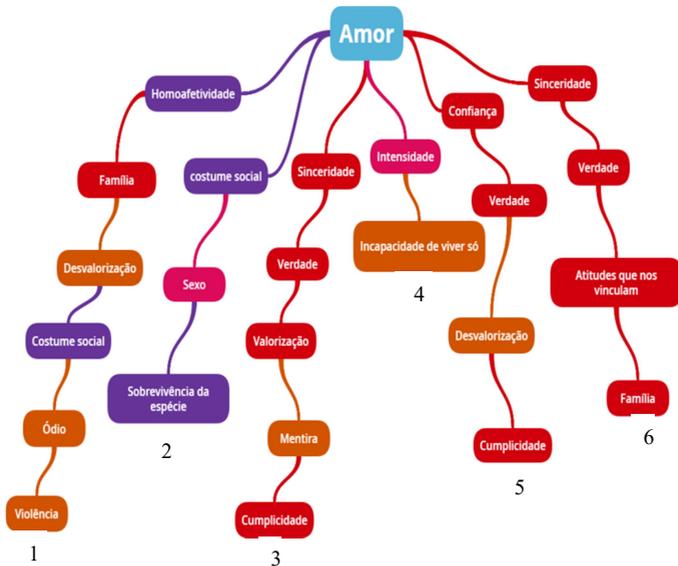


Figura 4: separação do conteúdo + disposição hierárquica das informações

Note-se que houve seleção de informações de um dos grupos, como na coluna 6 e ainda de mais de um dos grupos, como nas colunas de 1 a 5. Fica a critério do redator fazer tal seleção. A partir daí, serão estabelecidas relações internas – exemplificadas na subseção seguinte.

c. A organização argumentativa

Realizadas todas as etapas da organização temática, chega o momento de se pensar a disposição das informações selecionadas no texto, em outras palavras, do planejamento argumentativo. É nessa etapa que se compõe a tese a partir das proposições feitas acerca do tema. As ideias escritas começam a tecer articulações, formando estruturas maiores dota-

das de novas significações. Cada coluna da **figura 4** foi transformada em uma das teses seguintes:

1. *Na sociedade brasileira atual, a família é mais valorizada que o amor.*
2. *O amor é uma máscara para a necessidade de sexo*
3. *Sinceridade e verdade são aspectos que valorizam os relacionamentos?*
4. *Se o amor é tudo para alguns, como sobrevivem aqueles que não o têm?*
5. *O sentimento é desvalorizado nas relações quando há quebra da confiança*
6. *A sinceridade e a verdade devem ser valores transmitidos no meio familiar.*

Nem todas as informações presentes foram utilizadas, porque o que é feito na disposição hierárquica é a projeção do fluxo, então as ideias presentes na coluna aparecerão gradativamente ao longo do texto.

Depois da formulação das teses, cria-se a necessidade de eleger argumentos para a sua defesa. Eles serão criados a partir dos tópicos considerados pertinentes que não foram utilizados na formulação das teses.

Pensando na tese 1, *Na sociedade brasileira atual, a família é mais valorizada que o amor*, nem todas as informações da coluna foram utilizadas, mas os argumentos eleitos formaram-se a partir das informações restantes:

- i. *O estabelecimento desse ideal de família é resultado da estruturação social do país ser baseada em valores patriarcais;*
- ii. *Muitas famílias têm vidas mentirosas porque há pressão para que transpareça uma imagem de perfeição do seio familiar.*

Selecionados os argumentos, eles precisam ser articulados; daí, foram pinçados outros itens pertencentes à coluna 1: *homofetividade; ódio; desvalorização, e violência*. Eles foram usados para o desenvolvimento das ideias secundárias, que funcionam como elos nos textos. Para isso, novas proposições foram feitas de modo a ligar as que já existiam (tese e argumentos):

- i. *Qualquer construção social é fruto das ideias de quem detém o poder, no caso da sociedade brasileira, a igreja e as forças armadas;*

- ii. Essas entidades pregaram, ao longo da História, seus valores por meio da desvalorização de tudo aquilo que não seguia seus ideais e, com isso, incitando a violência;
- iii. Levando essa filosofia de desvalorização e violência para o âmbito familiar, as relações homoafetivas foram demonizadas e condenadas a serem estigmatizadas por irem contra a normalidade ditada.
- iv. Muitas são forçadas a se relacionar e a constituir família, apesar das suas sexualidades;
- v. Essas pessoas podem, inconscientemente, reproduzir o preconceito que sofreram;
- vi. Cria-se, com isso, um ciclo vicioso de infelicidade.

O último passo dessa etapa é a composição da conclusão. Tendo sido organizadas todas as proposições que se articularão no texto, deve-se estabelecer um ponto de parada, a fim de se saiba para onde a argumentação será levada e também a hora de parar de escrever. Demarcando um ponto final, pode-se desenvolver o texto sem a preocupação de não conseguir terminá-lo ou ainda ter que fazer isso às pressas por ter se esgotado o tempo, no caso de uma prova, ou ainda o espaço ou as ideias.

Mesmo que não se consiga terminar o texto da forma exata como a conclusão foi pensada, a composição de uma conclusão auxilia o redator na elaboração do parágrafo final, que será vista na próxima subunidade. A conclusão elaborada foi a seguinte: *a luta por respeito não poderá cessar enquanto os cidadãos não perceberem que são teleguiados.*

d. A organização estrutural

O passo final do processo envolve tanto o planejamento quanto a escrita. Nessa parte, são pensados os parágrafos em relação à progressão das informações e à estruturação do texto.

Primeiramente, são visualizados os parágrafos. Imagina-se qual será a composição do texto. Por exemplo: introdução, desenvolvimento e conclusão, ou introdução e desenvolvimento etc. A partir daí, faz-se a distribuição das proposições. A tese, por exemplo, será disposta na introdução, ao longo do desenvolvimento ou a conclusão? Qual argumento virá antes, qual seguirá o primeiro? É, direcionada, portanto a caminhada das proposições elaboradas.

Esses momentos são cruciais para a elaboração da argumentação, porque eles definem como será a leitura do texto e, logo, o impacto que ele causará no leitor. No texto referente ao planejamento do grupo de informações I, optou-se por dividir as informações entre um parágrafo de introdução, dois de desenvolvimento e um de conclusão.

Um próximo passo a ser dado é a reflexão sobre as relações internas dos parágrafos, ou seja, quais são as relações estabelecidas entre eles. A organização estrutural é o momento em que devem ser pensadas as estratégias de construção de parágrafos (Causa e efeito; dedução; indução; silogismo; hiponímia; hiperonímia etc.).

Após o planejamento detalhado de todos os componentes do texto, chega a hora de por em prática o que se esboçou, momento em que é feita a elaboração dos parágrafos. Nessa etapa, e só nela, é que se começa a escrever o texto.

e. A elaboração do texto

Tendo em vista que a opinião a ser trabalhada no texto é uma declaração, a estratégia de construção de parágrafo utilizada é a indução³:

Mesmo com a crescente facilidade de informação, o Brasil presencia, a cada momento, o gradativo aumento dos casos LGBTfobia. Muitos desses casos são justificados pela necessidade de proteção da “família”. Em nome dessa família, atitudes preconceituosas são manifestadas em várias instâncias sociais – legislação, política, educação, saúde. Por exemplo, a onda de preconceito quanto à suposta “ideologia de gênero” faz com que cada vez menos professores discutam sexualidade e respeito às minorias em sala de aula. Tudo isso mostra que, na sociedade brasileira atual, a família é mais valorizada que o amor.

O segundo parágrafo, por sua vez, foi construído por meio de uma alusão histórica⁴ que embasa o argumento selecionado:

O estabelecimento desse ideal homofóbico de família é resultado da estruturação social do país ser baseada em valores patriarcais. Qualquer construção social é fruto das ideias de quem detém o poder, no caso da sociedade brasileira, a igreja e as forças armadas. Essas entidades pregaram, ao longo da História, seus valores por meio da desvalorização de tudo aquilo que não seguia seus ideais e, com isso, incitando a violência. Levando essa filosofia de

¹⁰⁷ O método indutivo de construção de parágrafos consiste em, a partir de situações particulares, chegar a uma conclusão que engloba o geral.

¹⁰⁸ A alusão histórica como mecanismo de construção de textos é a menção de fatos históricos o texto que funcionem como defesa da tese construída.

desvalorização e violência para o âmbito familiar, as relações homoafetivas foram demonizadas e condenadas a serem estigmatizadas por irem contra a normalidade ditada.

Já o terceiro parágrafo foi elaborado pela relação de causa e consequência. O desenvolvimento se dá pela junção dos fatos vivenciados no cotidiano:

Devido à demonização de todas as relações que não as heterossexuais, muitas são forçados a se relacionar e a constituir família, apesar das suas sexualidades, sem nenhum amor. Essas pessoas ainda podem, inconscientemente, reproduzir dentro de casa o preconceito que receberam ao longo da vida, descontando suas frustrações nos próprios filhos. Como consequência disso, muitas famílias têm vidas mentirosas porque há pressão para que se transpareça uma imagem de perfeição do seio familiar, o que resulta na infelicidade de todos os familiares.

Na conclusão, são estabelecidas relações lógicas que levam a uma proposta de intervenção. O fluxo de informação, com isso, segue uma linha contínua até o fim do parágrafo:

A propagação de tais valores afeta até as casas bem estruturadas, visto que a normalidade pregada acaba, muitas vezes, fazendo com que se reproduza preconceito, ainda que de maneira inconsciente. A reprodução de preconceito, por sua vez, só faz afastar as pessoas cada vez mais. Cria-se, com isso, um ciclo vicioso de infelicidade. Por causa disso tudo, a luta por respeito por parte da comunidade LGBT não poderá cessar enquanto os cidadãos não se conscientizarem de que são teleguiados.

Em síntese, os resultados da aplicação da tempestade mental à argumentação podem ser observados na **figura 5** abaixo:

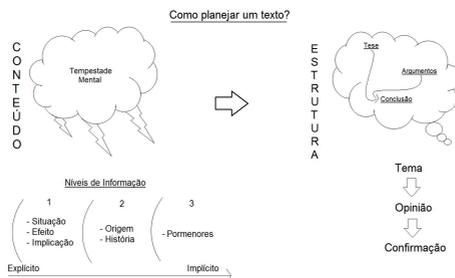


Figura 5: da seleção do conteúdo à estruturação

Como visto acima, após a realização da tempestade mental, consegue-se fazer um movimento de entrada nas camadas de informação acessíveis do texto, e, como resultado disso, produz-se textos que fogem do óbvio, pois, buscando todas as informações que a memória permite

alcançar sobre determinado assunto, o redator acaba sendo forçado a buscar informações menos objetivas sobre o tema. Com isso, o procedimento atua no desenvolvimento da criticidade e da criatividade. Além disso, elabora-se previamente o que vai ser escrito e, conseqüentemente, organiza-se tudo no modelo argumentativo. A tempestade mental, portanto, auxilia tanto no plano do conteúdo quanto no da estrutura dos textos.

5. *Conclusões*

Após a análise e a classificação dos dados, pôde-se desenvolver a proposta didática para o planejamento do texto argumentativo aqui apresentada e testar a sua efetividade. Outro objetivo também foi alcançado, pois, a partir da apresentação de uma proposta eficiente de planejamento, os alunos para os quais a didática foi apresentada tiveram melhora considerável no rendimento tanto no que se refere à seleção das ideias quanto na organização dos parágrafos.

As contribuições da pesquisa são bastante relevantes, pois o trabalho foi capaz de mostrar aos alunos a importância do planejamento do texto argumentativo, além de ter sido capaz de esquematizar um processo que há muito tempo lhes era apresentado apenas como uma técnica para economizar tempo de escrita, e ainda demonstrar por meio de dados concretos os resultados do processo nas suas próprias produções, além de dar-lhes a possibilidade de comparar os textos escritos antes de aprenderem a arte do planejamento com aqueles produzidos por meio da tempestade mental.

Este trabalho também é capaz de conscientizar muitos professores sobre a necessidade da aplicação de metodologias de planejamento quando numa turma de produção de texto, quer seja a metodologia didática apresentada aqui, quer sejam outras a serem elaboradas pelo próprio docente.

Além disso, há que se afirmar que a apresentação de um método eficaz de planejamento atua diretamente no desenvolvimento da autonomia do aluno em relação à sua escrita, principalmente quando esse método afeta positivamente na qualidade das produções, tornando, assim, conscientes os alunos e direcionando-os para um caminho de escrita que privilegia o planejamento textual.

O planejamento consciente de um texto otimiza o tempo de escrita, reduz o perigo de fuga ao tema e de não se conseguir elaborar uma ar-

gumentação, e ainda afeta positivamente a continuidade e a progressão textuais. Então, recusar-se a planejar os textos é, em poucas palavras, condená-los à precariedade de conteúdo, visto que ao se analisar um texto na tentativa de extrair uma mensagem imediata, quase sempre se chega às mesmas impressões, sem efetivamente se desenvolver pensamentos, porque apenas a primeira camada de informação do texto em questão é atingida, ou seja, a interpretação feita se torna rasa por conta da permanência da reflexão sobre o tema em um nível explícito de informação.

Vale lembrar que, no procedimento de *brainstorm*, precisam ser explicitados alguns pontos: i) a importância da seleção de ideias mais criativas e menos presas às informações mais perceptíveis sobre o tema; ii) a necessidade de serem identificadas as relações estabelecidas, a fim de evitar a produção excessiva de sinônimos; iii) o papel do mediador enquanto guia da seção e ao mesmo tempo incentivador das reflexões, e iv) da imprescindibilidade de organização quando do trabalho com as informações selecionadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Marcus Vinicius Brotto de. *O redator estrategista*. Tese de Doutorado (Faculdade de Letras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Ind., trad. de Manuel Andrade Júnior, Paulo F. Alberto e Abel N. Penha. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2005.

CABRAL, A. L. T. O conceito de plano de texto: contribuições para o processo de planejamento da produção escrita. In: *Linha d'Água*, n. 26 (2), p. 241-259, 2013.

CAMPOS, M. P. de. *Redação para vestibular e supletivo: método de brainstorm*. Porto Alegre: Síntese, 1977.

KOCH, I. V. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. A atividade de produção textual. In: *Caderno de estudos linguísticos*(24):65-73. Campinas, 1993.

_____; ELIAS, V. M. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.

OSBORN, A. F. *Applied Imagination: principles and procedures of creative thinking*. New York City: Charles Scribner's Sons, 1957.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Trad. de Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.